



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I**

**CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CONTABILIDADE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS (BACHARELADO)**

SILVINO BEZERRA DA COSTA JUNIOR

**EDUCAÇÃO GERENCIAL: O CASO DOS FEIRANTES DA FEIRA CENTRAL DE
UM MUNICÍPIO PARAIBANO**

**CAMPINA GRANDE-PB
2022**

SILVINO BEZERRA DA COSTA JUNIOR

**EDUCAÇÃO GERENCIAL: O CASO DOS FEIRANTES DA FEIRA CENTRAL DE
UM MUNICÍPIO PARAIBANO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a/ao Coordenação
/Departamento do Curso de Ciências
Contábeis da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de Bacharel em Ciências
Contábeis.

Orientador: Prof. Dra. Roseane Patrícia de Araújo Silva

**CAMPINA GRANDE-PB
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C837e Costa Júnior, Silvino Bezerra da.
Educação gerencial [manuscrito] : o caso dos feirantes da feira central de um município paraibano / Silvino Bezerra da Costa Junior. - 2022.
29 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Contábeis) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas , 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Roseane Patrícia de Araújo Silva , Departamento de Ciências Contábeis - CCSA."

1. Educação gerencial. 2. Microempreendedor Individual.
3. Feirantes. 4. Trabalho informal. I. Título

21. ed. CDD 658.159 2

SILVINO BEZERRA DA COSTA JUNIOR

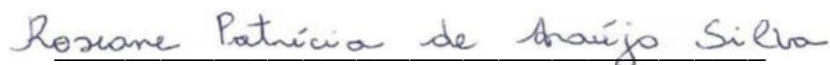
**EDUCAÇÃO GERENCIAL: O CASO DOS FEIRANTES DA FEIRA CENTRAL DE
UM MUNICÍPIO PARAIBANO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso de Ciências Contábeis da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Contábeis.

Área de concentração: Ciências Contábeis.

Aprovada em: 18 / 03 / 2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Roseane Patrícia de Araújo Silva (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Dieng Mamadou
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Me. Isabel Joselita Barbosa da Rocha Alves
Instituto Federal da Paraíba (IFPB)

A painho, *in memoriam*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Figura 1 – Tabela de dados socioeconômicos | 17 |
| Figura 2 – Tipo de atividade exercida na Feira Central | 19 |
| Figura 3 – Trabalho na feira e fonte exclusiva de renda | 20 |
| Figura 4 – Período de tempo dedicado ao trabalho | 21 |
| Figura 5 – Quantidade de horas semanais trabalhadas | 21 |
| Figura 6 – Formalização enquanto MEI's | 22 |
| Figura 7 – Realização de cursos | 23 |
| Figura 8 – Aplicação de técnicas de gerenciamento | 23 |
| Figura 9 – Educação gerencial | 24 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|---------------|--|
| CLT | Consolidação das Leis do Trabalho |
| COFINS | Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social |
| CSLL | Contribuição Social sobre o Lucro Líquido |
| Fecomércio-PB | Federação do Comércio da Paraíba |
| ICMS | Imposto sobre Operações relativas à Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços de Transporte Interestadual, Intermunicipal e de Comunicação |
| IPHAN | Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional |
| IRPJ | Imposto de Renda Pessoa Jurídica |
| MEI | Microempreendedor Individual |
| OIT | Organização Internacional do Trabalho |
| PASEP | Programa de Formação do Patrimônio do Servidor Público |
| PIS | Programa de Integração Social |
| Sebrae | Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas |

SUMÁRIO

| | | |
|-----|--|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 7 |
| 2 | REFERENCIAL TEÓRICO | 9 |
| 2.1 | A Feira Central de Campina Grande | 9 |
| 2.2 | Microempreendedor Individual – MEI | 11 |
| 2.3 | Educação gerencial: conceito, exemplos e benefícios | 13 |
| 3 | METODOLOGIA | 16 |
| 4 | RESULTADOS E DISCUSSÕES | 17 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 24 |
| | REFERÊNCIAS | 26 |
| | APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS | 27 |

EDUCAÇÃO GERENCIAL: O CASO DOS FEIRANTES DA FEIRA CENTRAL DE UM MUNICÍPIO PARAIBANO

MANAGEMENT EDUCATION: THE CASE OF WORKERS AT THE FARMERS MARKET OF A CITY OF PARAÍBA

Silvino Bezerra da Costa Junior^{1*}

RESUMO

O desenvolvimento dessa pesquisa teve como objetivo identificar se os trabalhadores da principal feira de um município paraibano têm conhecimento sobre a educação gerencial e se fazem uso desse conhecimento em seus negócios, garantindo o bom funcionamento de seus empreendimentos. Metodologicamente, trata-se de um estudo descritivo, quali-quantitativo, utilizando-se de questionário para coleta dos dados e amostra caracterizada como intencional não probabilística. Assim, responderam ao questionário, 38 trabalhadores da feira, dos quais 24 foram homens e 14 mulheres. Dos entrevistados 73,68% trabalham comercializando produtos e 23,68% são prestadores de serviços, o restante exerce as duas funções e/ou também são fabricantes. Dos pesquisados 60,52% não são formalizados no Programa Microempreendedor Individual (MEI) e 84,21% não utilizam de nenhum tipo de controle gerencial em seus negócios, inferindo à adoção de uma prática intuitiva para gestão de seus negócios. No que diz respeito à educação gerencial, apenas 2 feirantes, entre os 38, afirmaram conhecer do que trata a temática. Observa-se, além disso, um manifesto favorável em relação ao desejo de ter acesso à cursos de educação gerencial formal, identificando-se um percentual de, aproximadamente, 76% (29) dos feirantes que gostariam de obter conhecimentos nessa área para promover melhores estratégias para desenvolvimento e promoção do crescimento nas suas atividades na feira.

Palavras-chave: Educação Gerencial; Microempreendedor Individual; Feirantes; Informalidade.

ABSTRACT

The development of this research aimed to identify whether the workers at the main farmers market in a city in Paraíba have knowledge about management education and whether they make use of this knowledge in their businesses, ensuring the proper functioning of their businesses. Methodologically, this is a descriptive, quali-quantitative study, using a questionnaire for data collection and a sample characterized as non-probabilistic intentional. Thus, 38 workers at the farmers market answered the questionnaire, of which 24 were men and 14 were women. Of those interviewed 73,68% work by selling products and 23,68% are service providers, the remain amount performs in both functions and/or are also manufacturers. Of those surveyed 60,52% are not formalized in the Individual Micro Business Program and 84,21% do not use any type of management control in their businesses, inferring that they adopt an intuitive practice for managing their businesses. With regard to management education, only 2 farmers market workers, among the 38, claimed to

^{1*} Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Departamento de Contabilidade, Campina Grande – PB, Brasil, silvino.junior@aluno.uepb.edu.br

know what the theme it is. In addition, there is a favorable proclamation in relation to the desire to have access to formal management education courses, identifying a percentage of approximately 76% (29) of the workers who would like to obtain knowledge in this area to promote better strategies for developing and promoting growth in its activities at the farmers market..

Keywords: Management education; Individual Micro Business; Farmers Market; informality.

1 INTRODUÇÃO

O empreendedorismo surge, entre outros fatores, a partir da necessidade de complementação financeira da renda familiar em um contexto muitas vezes desfavorável como o da atual conjuntura e cenário de pouco crescimento econômico. No âmbito dos negócios, empreender basicamente quer dizer iniciar uma atividade, sendo o principal responsável pelos riscos inerentes e também usufruindo dos lucros e benefícios.

O caminho para o empreendedorismo é longo e exige muito esforço e determinação. Além de investimento financeiro, o empreendedor bem-sucedido, precisa ter algum conhecimento técnico acerca do negócio que está abrindo, deve demonstrar criatividade e inovação e tem que ser bastante organizado. O esforço investido também traz vantagens, a autonomia de ser “o próprio patrão”, algum nível de flexibilidade e trabalhar com propósito são alguns deles.

Uma das principais questões enfrentadas pelos empreendedores brasileiros, principalmente os micros e pequenos empresários, é a ausência de reconhecimento formal do exercício de suas atividades. Eles exercem suas atividades informalmente, essa situação os deixa desprovidos de seus direitos e deveres como trabalhadores. Em países ainda em desenvolvimento “a informalidade está diretamente relacionada com dois fatores: o primeiro é decorrente da incapacidade de o Estado fazer cumprir seus próprios marcos regulatórios; o segundo abrange o próprio grau de regulação da economia”. (KUS, 2014 *apud* CAMPANHA *et al*, 2017, p. 584).

Diante desse contexto, em 2008, a Lei Complementar n.º 128 do Governo Federal, que alterou a Lei Complementar n.º 123 de 2006, criou o Programa Microempreendedor Individual (MEI), visando incentivos que facilitassem a burocracia, para estimular a atividade empreendedora, com objetivo de impulsionar a economia e desenvolvimento nacional, garantindo também, direitos relativos à previdência social aqueles inscritos no MEI.

Desde a criação do MEI, foram formalizadas em todo o território nacional mais de 8 milhões de novas empresas nos mais diversos segmentos entre indústria, comércio e prestação de serviços.

Outros fatores que também podem prejudicar os trabalhadores informais, é a ausência ou dificuldade de acesso à informação e educação voltada para o empreendedorismo. A maioria deles trabalha de forma intuitiva, sem fazer uso de técnicas ou metodologias específicas. Neste sentido, a ciência contábil pode contribuir enormemente com este cenário, prestando orientações acerca da educação gerencial.

Educação gerencial corresponde a uma série de informações técnicas e utilização de ferramentas que garantem ao empreendedor maior consciência e habilidade nas tomadas de decisão em relação ao seu empreendimento. São informações relacionadas principalmente a planejamento, organização, direção e controle que tem como objetivo, melhorar e profissionalizar a forma de fazer negócios.

Neste sentido, Marisa Éboli defende que para que os programas de educação gerencial sejam mais consistentes é preciso que os mesmos tenham seu foco em dois aspectos, o “desenvolvimento de habilidades e atitudes, para o de alinhamento das escolhas estratégicas (competências organizacionais) e escolhas pessoais (competências humanas)”. (2004, p. 84).

Considerando esse contexto, lança-se um olhar para as atividades empreendedoras desenvolvidas na Feira Central de Campina Grande – PB. A feira “apresenta-se como um tecido venoso por onde afluem valores socioculturais e preceitos econômicos e ideológicos” (SILVA, 2006, p. 24 *apud* CHAVES, 2011, p. 19).

A mesma foi fundada junto com o próprio município, por volta do século XIX. No dia 27 de setembro de 2017 foi registrada como patrimônio imaterial e cultural pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), recebendo então reconhecimento nacional, tornando-se ainda mais relevante e fundamental para o crescimento da economia, cultura e desenvolvimento em todo o interior do nordeste, principalmente para os estados da Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará.

Atualmente o espaço conta com aproximadamente 75.000 mil m² e milhares de trabalhadores compostos por feirantes, ambulantes, sacoleiros e diversos prestadores de serviços, que, infelizmente, em sua grande maioria encontram-se não formalizados.

Neste cenário, foi elaborada a seguinte questão problema para essa investigação: os trabalhadores da Feira Central de Campina Grande-PB têm conhecimento sobre a educação gerencial e fazem uso desse conhecimento em seus negócios, promovendo o bom funcionamento de suas atividades?

O objetivo geral desta pesquisa foi identificar se os trabalhadores de uma das principais feiras de um município paraibano, nesse caso, a Feira Central do município de Campina Grande, têm conhecimento sobre a educação gerencial e se fazem uso desse conhecimento em seus negócios, garantindo o bom funcionamento de seus empreendimentos.

O estudo em questão teve como objetivo específico realizar uma pesquisa não probabilística com os feirantes da Feira Central do município de Campina Grande-PB para identificar, através do uso de questionário, sua percepção acerca do tema educação gerencial, bem como, conhecer quais tipos de gerenciamento são aplicados em seus negócios e identificar se os mesmos possuem negócios formalizados como MEI. Com um desenho mais preciso do cenário da Feira Central de Campina Grande, será possível propor soluções que venham a garantir melhoria das condições de trabalho para esses comerciantes.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Inicialmente, será apresentado neste tópico, um breve panorama histórico sobre a Feira Central da cidade de Campina Grande-PB. Na sequência, serão abordados conceitos referentes ao MEI e a sua importância no processo de formalização e reconhecimento dos trabalhadores autônomos e finalmente, serão discutidos temas que englobam a educação gerencial e seu impacto positivo na vida dos micros e pequenos empreendedores.

2.1 A Feira Central de Campina Grande-PB

Ao contar a história da cidade de Campina Grande é comum que se diga que a mesma se confunde com a história da própria Feira. Os primeiros indícios do que viria ser a cidade se deram por volta de 1697, a partir de um assentamento indígena, já a emancipação ocorreu quase 200 anos depois, em 11 de outubro de 1864.

A localização da cidade era bastante interessante para o comércio, uma vez que servia de pouso para os tropeiros que, montados em jumentos e reunidos em

grupos atravessavam o Rio São Francisco pelo interior e percorriam do Sertão ao Litoral e vice-versa

Um dos principais eventos históricos que marcaram a Feira de Campina Grande foi a Revolta de Quebra-Quilos que aconteceu em 1874. Os feirantes e consumidores fizeram um levante contra a imposição das novas medidas lineares, impostas por decreto imperial, já que preferiam continuar a usar as medidas tradicionais como cuia, palmo, polegadas e vara (FERREIRA, 2012). Liderados pelo feirante João Carga D'água se dirigiram até o Açude Velho e lá quebraram e jogaram na água os novos utensílios de métrica, pesos e balanças. A revolta se expandiu e atingiu não só outros municípios paraibanos, mas também do Nordeste.

A Feira Central de Campina Grande está localizada no estado da Paraíba, na Serra da Borborema, conhecida também como “Feira das Feiras”, atualmente registrada como patrimônio imaterial e cultural pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), ocupa um grande espaço no centro da cidade e serve também como fonte de abastecimento para outras feiras dentro da própria cidade e diversos municípios circunvizinhos.

“No século XX a cidade experimentou um *boom* de crescimento devido a comercialização do algodão, conhecido como ouro branco. A modernização e urbanização e suas conseqüentes mudanças sociais, que já atingiam boa parte das cidades brasileiras” (IPHAN, 2017, p. 31), também chegou ao município. Assim, Campina Grande sempre foi uma referência e um ponto de encontro para comerciantes, troca de mercadorias e venda de produtos.

Ao longo dos anos, a Feira Central se tornou ainda mais importante e relevante para o desenvolvimento comercial, econômico, histórico e político da cidade, sempre contribuindo para a agregação de valores culturais e sociais em Campina Grande.

Segundo IPHAN em seu Dossiê da Feira de Campina Grande, constituem-se, os trabalhadores da feira, da seguinte forma:

“Quando observamos os personagens, especialmente os feirantes, percebemos uma variedade de origens. Por um lado, há aqueles que se tornaram feirantes por acaso, como, por exemplo, os que se casaram com feirantes ou estavam em situação de desemprego e encontraram essa opção de trabalho informal. Por outro, a grande maioria, constituíram-se enquanto tais na própria Feira, aprendendo o ofício com seus pais, irmãos, padrinhos e outros familiares. A Feira de Campina é, portanto, um lugar que forma um bom número de pessoas para o trabalho”. (IPHAN, 2017, p. 62).

Toda a diversidade de histórias e origens encontradas entre os feirantes entra em congruência em um ponto específico: a informalidade. A imensa maioria dos trabalhadores da Feira Central de Campina Grande é informal. A mesma é definida por LEE, MCCANN e MESSENGER (2009):

“O emprego informal abrange o trabalho autônomo para empresas do setor informal e o emprego assalariado (em empresas do setor informal ou do formal), quando não assegura aos empregados contrato de trabalho, com os respectivos benefícios, nem proteção social (OIT, 2002a). Inclui-se aí uma ampla série de atividades econômicas: trabalho doméstico para famílias, trabalho industrial em domicílio, trabalho eventual e diversos tipos de trabalho autônomo, realizado em casa ou em áreas públicas (p. ex., vendedores ambulantes)”. (LEE, MCCANN e MESSENGER, 2009, p.

O trabalhador informal não possui nenhum vínculo empregatício reconhecido por documento, não possui nenhum dos direitos determinados pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) ou lei semelhante. Os informais não possuem acesso a nenhum dos benefícios assistenciais garantidos pelo Estado, nem atividades regulamentadas, além da precariedade do trabalho enfrentam longas jornadas semanais.

Essa categoria costuma crescer ainda mais em tempos de crise econômica e com o aumento do desemprego estrutural. Além dos feirantes, também são exemplos de trabalhadores informais os ambulantes, sacoleiros, carroceiros e grande parte dos prestadores de serviço, como cabeleireiros e costureiros. Vale salientar ainda que o trabalho realizado pelos trabalhadores informais segue sendo essencial para o funcionamento e manutenção da economia nacional.

A informalidade deve, portanto, ser combatida, uma vez que esses trabalhadores merecem ter acesso a uma gama mínima de direitos. Uma das formas de garantir esse reconhecimento aos trabalhadores informais da feira Central de Campina Grande-PB é a formalização através do Programa do Microempreendedor Individual.

2.2 Microempreendedor Individual - MEI

O Microempreendedor Individual – MEI é uma personalidade jurídica criada pela Lei Complementar n.º 128/2008, esta alterou a Lei Complementar n.º 123 de

2006, conhecida como Lei Geral da Micro e Pequena Empresa, buscando reduzir a burocracia e os custos para formalização de uma empresa e o impulsionamento na economia. Tanto a inscrição no programa, como as alterações de endereço, atividades econômicas e pedido de baixa se dão de forma bastante simples.

Podem se enquadrar no programa do MEI, trabalhadores acima de 18 anos, que não sejam sócios ou titulares de outra empresa, que se adequem às atividades permitidas pela Lei e que possuam faturamento anual bruto de no máximo R\$ 81.000,00. A inscrição no MEI também permite que os empreendedores participem de licitações e forneçam produtos e serviços a órgãos públicos. Também permite que possuam 1 (um) funcionário registrado de carteira assinada.

Inicialmente, com a intenção de incluir trabalhadores informais que não contribuía com a previdência social e também com a finalidade de estimular a economia e a atividade empreendedora no Brasil o MEI rapidamente se propagou. Em 2021, o município de Campina Grande-PB e cidades circunvizinhas contam com 31.765 microempreendedores individuais, segundo dados do Governo Federal. (BRASIL, 2021).

Com a contribuição previdenciária reduzida para 5% do salário mínimo os novos microempreendedores individuais também recolhem simbolicamente impostos sobre circulação de mercadoria (ICMS) e impostos sobre serviços prestados (ISS). O pagamento é unificado e realizado através do Documento de Arrecadação do Simples (DAS).

Além disso, foram concedidas isenções de vários impostos como, por exemplo, Imposto sobre a Renda da Pessoa Jurídica (IRPJ); Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI); Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL); Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (COFINS) e Contribuição para o PIS/PASEP (COSTANZI, 2018, p. 4).

Diante do que foi explanado, as vantagens e benefícios adquiridos após a inscrição no MEI são diversos. Os feirantes que trabalham informalmente na Feira Central de Campina Grande passariam a ser reconhecidos como trabalhadores perante órgão públicos, privados e a sociedade em geral. Podendo usufruir de uma série de benefícios assistenciais fornecidos pelo mesmo, conforme garante o art. 201 da Constituição Federal de 1988:

I - cobertura dos eventos de incapacidade temporária ou permanente para o trabalho e idade avançada;
II - proteção à maternidade, especialmente à gestante;
V - pensão por morte do segurado, homem ou mulher, ao cônjuge ou companheiro e dependentes, observado o disposto no § 2º (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988).

O parágrafo 2º por sua vez, determina que nenhum benefício que venha a substituir o salário de contribuição ou o rendimento do trabalho do segurado, tenha valor mensal inferior ao salário mínimo.

A formalização se mostra então como uma ferramenta essencial para proteger os feirantes que atualmente não possuem nenhum vínculo empregatício e que não realizam nenhum tipo de contribuição previdenciária. Garantir o acesso dos feirantes a formalização seria benéfico não somente do ponto de vista previdenciário, mas também para o fortalecimento da feira enquanto comércio a céu aberto.

Quando empreendimentos são fortalecidos por atitudes como esta ou como o reconhecimento da Feira Central pelo Iphan como patrimônio nacional imaterial, passa a existir a possibilidade de que se façam mais investimentos no sentido de educar e profissionalizar os feirantes, para que sigam trabalhando de forma digna.

2.3 Educação gerencial: conceito, exemplos e benefícios

A educação gerencial formal corresponde ao ensino de uma série de técnicas e ferramentas que possibilitam que os empreendedores e gestores tomem decisões acertadas em relação aos seus negócios. Ela também pode ser entendida como “a criação, assimilação e disseminação de conhecimento sobre gerenciamento de negócios” (FRIGA, BETTIS e SULLIVAN *apud* MENDONÇA, 2008, p. 43).

Assim, com acesso às informações que seguem sendo renovadas e atualizadas, os empreendedores podem guiar seus negócios de maneira mais inteligente, garantindo, por exemplo, mais estabilidade, lucro e longevidade para suas empresas.

O acesso à educação gerencial possível através de cursos técnicos, superiores ou *in company*, que são aqueles realizados dentro das próprias empresas com seus funcionários. Os cursos universitários de Administração e Ciências Contábeis contam com disciplinas em suas grades curriculares que garantem aos estudantes o acesso as técnicas e ferramentas que compõe a educação gerencial. Já as empresas,

principalmente as grandes, tendem a promover cursos que buscam orientar e renovar o conhecimento dos seus funcionários já que há a “necessidade urgente do desenvolvimento de executivos a fim de promover aprendizagem individual, adaptação organizacional e renovação” (DOYLE, 1994, p. 7 *apud* VASCONCELOS, *et al.*, 2013, p. 51).

Desse modo é preciso ampliar o acesso a esse tipo de informação. A sociedade civil, seria beneficiada se entrasse em contato com alguns dos conceitos dados e discutidos pela educação gerencial. Da mesma forma, os pequenos e microempresários também ter acesso aos temas trabalhados pela mesma, já que são eles os responsáveis pela condução de seus próprios negócios.

Para que fique melhor ilustrado em nossa pesquisa é preciso definir algumas das temáticas e conceitos que fazem parte da educação gerencial. A escolha dos assuntos aqui foi feita tendo por base a realidade dos feirantes que trabalham na Feira Central de Campina Grande e as conseqüentes vantagens que os mesmos poderiam obter caso tivessem acesso à educação gerencial.

O controle de finanças corresponde basicamente ao domínio do faturamento, dos gastos e do conseqüente prejuízo ou lucro da empresa ou empreendimento. De acordo com o Caderno de Ferramentas, cartilha produzida pelo Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), conhecer, poder calcular e saber usar as ferramentas do controle de finanças torna possível:

“melhorar o rendimento do dinheiro de diversas formas: i) programando os pagamentos para os melhores momentos, ii) cobrando melhor, iii) evitando o pagamento de juros, iv) mantendo o nível correto de estoques; e v) investindo naquilo que trará maior retorno para a empresa (SEBRAE, 2015, p. 16).”

Ter claro qual a quantidade de capital necessária para garantir que os compromissos das empresas sejam pagos, garante estabilidade e longevidade para a atividade realizada.

Sobre a temática, falando especificamente de orçamento Horgren, Sundem e Stratton (2004) defendem que:

O orçamento é uma ferramenta que apoia os gestores em suas funções de planejamento e controle. O interessante é que os orçamentos apoiam os gestores, com sua função de controle, não apenas para examinar o futuro, mais também para examinar o passado (...). Os

orçamentos podem ser utilizados como um nível de referência (*benchmark*) que permite aos gestores comparar o desempenho real com o desempenho esperado ou desejado. (HORGREN, SUNDEM e STRATTON, 2004, p. 230).

Quando o feirante não tem acesso a forma correta de realizar o cálculo do controle financeiro, tende a fazê-los de forma instintiva, conforme a demanda, ficando assim mais facilmente sujeito a perdas financeiras e as variações do mercado aumentando muito suas chances de prejuízo.

Outro importante conceito da educação gerencial que está diretamente relacionado ao controle de finanças é o planejamento. Independentemente da atividade realizada, planejar é essencial. Quando observamos a realidade dos trabalhadores da Feira Central, que precisam lidar, por exemplo com a enorme variação de produtos ofertados, devido a sazonalidade e também as alterações climáticas típicas da nossa região, o planejamento ganha mais uma camada de importância.

Para que o planejamento seja realizado de maneira satisfatória e eficiente é preciso além de estabelecer objetivos e metas, traçar quais ações são necessárias para que os mesmos sejam atingidos (SEBRAE, 2015, p. 36).

O planejamento permite que o empreendedor olhe para trás e reconheça quais erros foram cometidos, tornando possível que novas atitudes sejam tomadas diante de situações semelhantes ou repetidas. Também é uma ferramenta da educação gerencial que tende garantir a estabilidade e longevidade do empreendimento.

A organização é outro aspecto bastante relevante no âmbito da educação gerencial. Organizar é um dos pilares básicos para que se possa abrir e manter um empreendimento funcionando de maneira saudável. De acordo com o Caderno de Ferramentas:

“A organização proporciona que você saiba onde as coisas estão, quem faz o que na sua empresa e ter disciplina faz sua empresa funcionar melhor. Para isso é preciso ter seus documentos organizados, assim como algumas instruções de trabalho daquelas atividades mais importantes. Um cadastro de fornecedores, também é um bom começo. A falta de organização leva à insatisfação dos clientes e ao excesso de trabalho que não gera resultado”. (SEBRAE, 2015, p. 88).

Ensinar aos feirantes formas de manter seus negócios organizados é essencial para que os mesmos sigam funcionando com eficiência. Também facilita o

funcionamento de possíveis fiscalizações, dando mais segurança aos vendedores e prestadores de serviço. Garante o fornecimento de produtos e serviços de maneira mais consistente e torna mais fácil o próprio gerenciamento da empresa, uma vez que os documentos e dados estejam sempre classificados.

3 METODOLOGIA

A principal diferença entre a produção de conhecimento do senso-comum e a produção de conhecimento científico está na metodologia. Os procedimentos metodológicos são os guias, as técnicas e as formas de proceder que garantem ao pesquisador que o que foi produzido pode ele pode de fato ser entendido como conhecimento acadêmico. Assim a metodologia científica de ser “entendida como um conjunto de etapas ordenadamente dispostas que você deve vencer na investigação de um fenômeno (SILVA e MENEZES, 2005, p. 23).”

Desta forma, esta pesquisa possui caráter quali-quantitativo. As pesquisas assim classificadas combinam abordagens qualitativas e quantitativas. Também foi realizada uma revisão literária através do acesso a plataformas on-line públicas como Google Acadêmico e Scielo e através da Biblioteca que atende ao Centro de Ciências Sociais e Aplicadas da Universidade Estadual da Paraíba. Segundo Prodanov e Freitas (2013, p.79) “a revisão de literatura tem papel fundamentam no trabalho acadêmico, pois é através dela que você situa seu trabalho dentro da grande área de pesquisa da qual faz parte.”

A pesquisa que foi realizada para a elaboração deste artigo, possui também caráter exploratório. A pesquisa exploratória deve ser entendida como aquela que “visa proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses” (SILVA e MENEZES, 2005, p. 21). Assim, esse tipo de pesquisa busca principalmente elucidar os conceitos da temática trabalhada, a definição e o delineamento do tema. O universo da pesquisa compreende aproximadamente 16.000 feirantes, porém, a amostra foi constituída por 38 desses trabalhadores. Os questionários foram aplicados na própria Feira Central e também no Sindicato do Comércio Varejistas dos Feirantes e Ambulantes de Campina Grande.

Para coleta de dados foi utilizado um questionário que possui questões de múltipla escolha e tinham como principal objetivo traçar o perfil social dos feirantes e também entender a percepção que esse grupo tinha de educação gerencial e da

formalização de suas atividades através da inscrição como Microempreendedor Individual. As questões do referido questionário se apresentam descritas na parte dos resultados e discussões do presente trabalho.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para caracterização dos respondentes foram colhidos dados sobre algumas questões socioeconômicas: gênero, faixa etária, localização residencial, grau de escolaridade e renda familiar foram feitas. A tabela a seguir mostra os resultados.

Figura 1 – Dados socioeconômicos

| | Quantidade | Porcentagem |
|--------------------------------|-------------------|--------------------|
| Gênero | - | - |
| Masculino | 24 | 63,15% |
| Feminino | 14 | 36,85% |
| | | |
| Faixa etária | - | - |
| Entre 18-24 anos | 3 | 7,89% |
| Entre 25-35 anos | 4 | 10,52% |
| Entre 36-45 anos | 15 | 39,47% |
| Entre 46-55 anos | 11 | 28,94% |
| Mais de 55 anos | 5 | 13,15% |
| | | |
| Localização residencial | - | - |
| Zona Urbana | 33 | 86,84% |
| Zona Rural | 5 | 13,16% |
| Com. Indígena/Quilombola | 0 | 0 |
| | | |
| Grau de escolaridade | - | - |
| Nunca estudou | 0 | 0 |
| Ens. Fund. Incompleto | 7 | 18,42% |
| Ens. Fund. Completo | 7 | 18,42% |
| Ens. Med. Incompleto | 12 | 31,57% |
| Ens. Med. Completo | 10 | 26,31% |

| | | |
|----------------------------|-----------|---------------|
| Ens. Sup. Incompleto | 2 | 5,26% |
| Ens. Sup. Completo | 0 | 0 |
| Pós-graduação | 0 | 0 |
| | | |
| Renda Familiar | - | - |
| Menos de 1 salário mínimo | 3 | 7,90% |
| Entre 1-3 salários mínimos | 27 | 71,05% |
| Entre 3-5 salários mínimos | 8 | 21,05% |
| Mais de 5 salários mínimos | 0 | 0 |

Fonte: Elaborada pelo autor, 2022

De acordo com a tabela das 38 pessoas que responderam o questionário, 24 são homens e 14 são mulheres. A maioria masculina, 63,15%, parece refletir a ideia antiquada e já superada de que os homens são mais capazes de realizar certos trabalhos. Ainda assim, o número de empreendedoras na Feira Central é significativo e tende a crescer, já que, de acordo com o Relatório Executivo de Empreendedorismo no Brasil (IBQP e Sebrae, p. 14, 2019), 43,5% dos empreendedores brasileiros são mulheres e essa média tende a ser vista no país.

Conforme a tabela demonstra, 15 das 38 pessoas que responderam o questionário possuem entre 36 e 45 anos. O outro grupo que segue em número, com 11, é o que engloba a faixa etária que vai de 46 a 55 anos. Em terceiro lugar ficaram os que tem acima de 55 e chama a atenção, que aqueles considerados mais jovens, com mais potencial para oferecer sua força produtiva ocuparam os dois últimos lugares, somando apenas 7.

A questão sobre a localização residencial daqueles que responderam o questionário, davam 4 opções a serem marcadas: zona urbana, zona rural, comunidade indígena e comunidade quilombola. Do montante total de pessoas entrevistadas, nenhuma delas afirmou morar em algum tipo de comunidade indígena e/ou quilombola. Do total, 86,84% residem em zona urbana e 13,16% na zona rural.

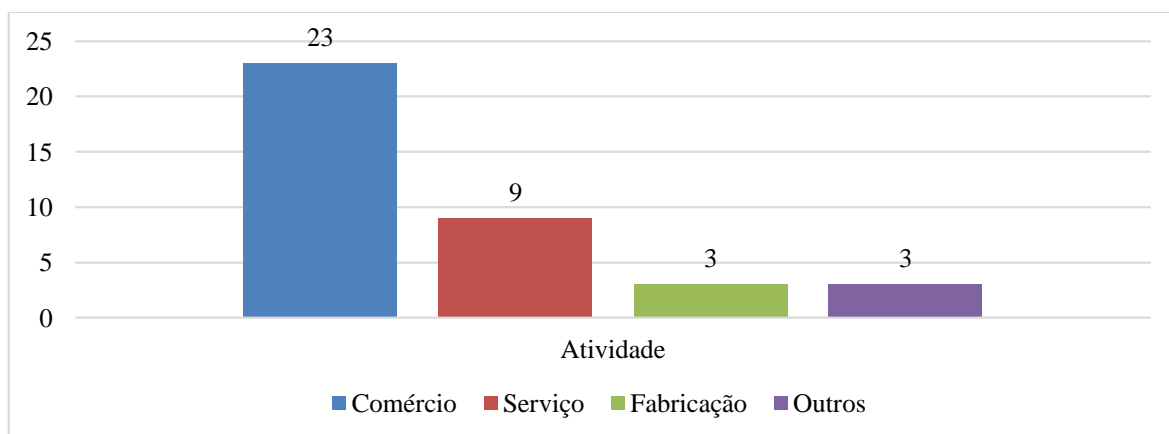
Esse fato é interessante porque é compatível com a média nacional de pessoas que moram em zonas urbanas e rurais. As dificuldades, inclusive climáticas, de morar no campo, seguem fazendo com que a maior parte da população prefira as cidades,

mesmo aqueles que trabalham com venda de produtos agrícolas, como boa parte dos trabalhadores da Feira Central de Campina Grande-PB.

A pergunta sobre o grau de escolaridade é muito importante porque posteriormente será relacionada com outra pergunta do questionário relacionada ao tema da educação gerencial. Dos respondentes, a maioria, 12, possuem Ensino Médio incompleto, 10 possuem o Ensino Médio completo, 7 possuem o Ensino Fundamental completo e também 7 cursaram o Fundamental sem concluir. Apenas 2 respondentes possuem superior incompleto e nenhum dos entrevistados na pesquisa possuem curso superior completo ou pós-graduação.

A renda familiar dos feirantes que responderam ao questionário varia entre R\$ 1.100,00 e R\$ 5.500,00. A maioria dos entrevistados, ou seja, 71,05%, recebem entre 1 e 3 salários mínimos, tendo como base o ano de 2021; 21,05% recebem entre 3 e 5 salários e somente 7,90% recebem menos de R\$ 1.100,00.

Figura 2 – Tipo de atividade exercida na Feira Central



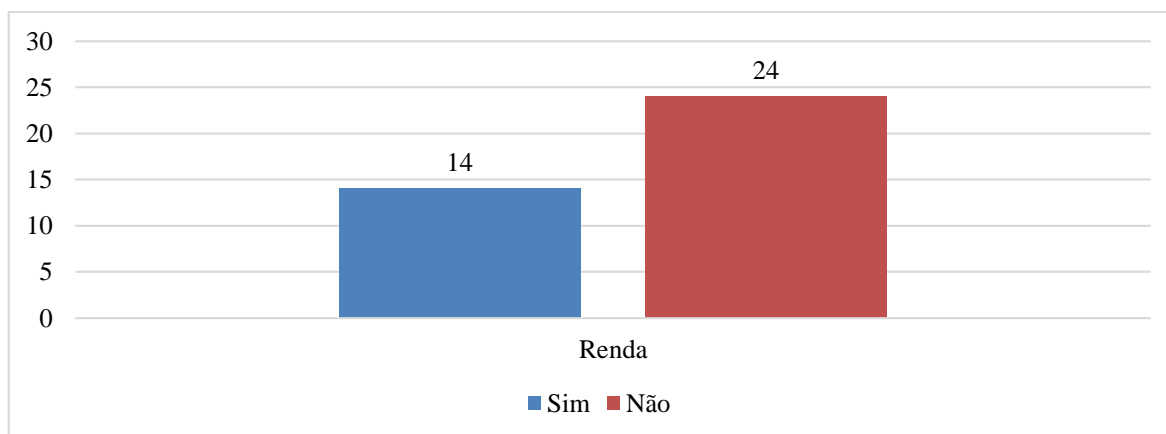
Fonte: Elaborada pelo autor, 2022

Como mostra o gráfico na figura 6, uma maioria importante dos feirantes que participou da pesquisa trabalha na Feira Central com comércio, são 23 dos 38 totais; 9 deles prestam algum tipo de serviço, 3 trabalham com fabricação e artesanato e outros 3 realizam atividades que não estavam entre as opções dadas.

A pergunta que foi feita em seguida, pedia para que os feirantes especificassem quais produtos vendiam e quais serviços prestavam. As respostas foram bastante variadas, como exemplos podemos citar como comércio: hortifrutigranjeiros, raízes, temperos, animais vivos para abate, lanches prontos como tapioca e salgados, além de vestuário e calçados. Os prestadores de serviço são manicures, barbeiros,

cabeleireiros, carroceiros e marceneiros. Aqueles que trabalham com artesanato ou fabricação oferecem produtos feitos de palha e couro.

Figura 3 – Trabalho na feira e fonte de renda exclusiva

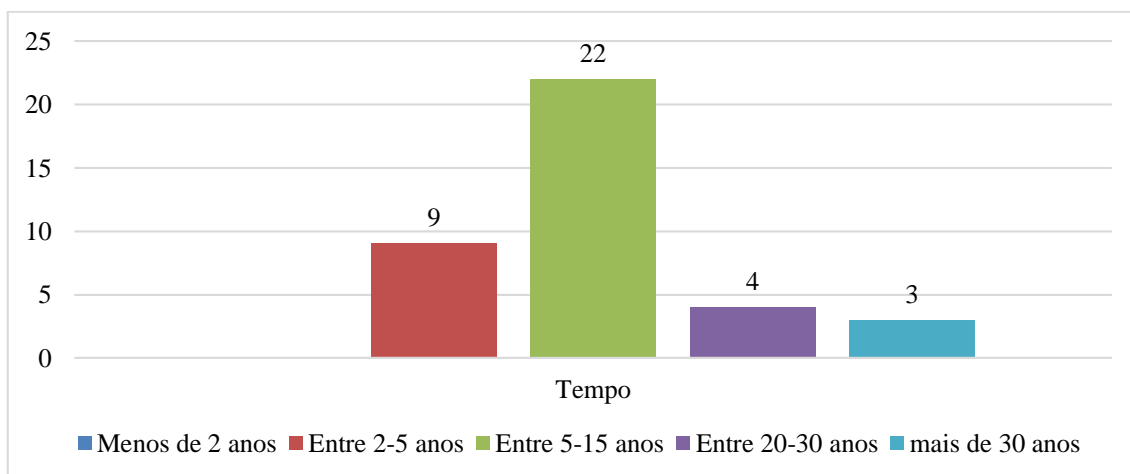


Fonte: Elaborada pelo autor, 2022

Essa pergunta é bastante relevante porque a Feira Central de Campina Grande tem seu funcionamento relativamente irregular. Há dias de maior movimento, onde há pleno funcionamento, principalmente aos sábados, e nos outros dias somente algumas bancas funcionam. Por essa razão, as respostas fazem sentido. Apenas 36,84% tem o trabalho na Feira Central como fonte exclusiva de renda.

Na mesma questão, foi perguntado como essas pessoas complementam suas rendas para além daquele realizado na Feira Central. Algumas das repostas foram: venda de cosméticos como representante, faxina, prestação do serviço realizado na feira ou em domicílio, outros serviços em seus próprios bairros ou em estabelecimentos comerciais, realização de outras feiras, venda de artigos de vestuário, venda de produtos para outros mercados, fretes e fabricação por encomenda.

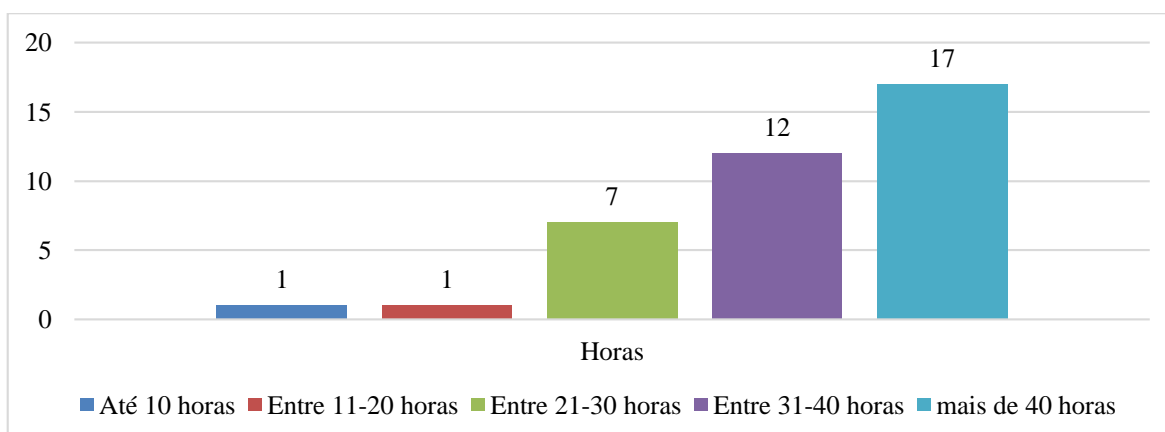
Figura 4 – Período de tempo dedicado ao trabalho



Fonte: Elaborada pelo autor, 2022

Boa parte dos feirantes que realizam suas atividades na Feira Central de Campina Grande o fazem há um período de tempo que varia entre 2 e 5 anos, 9 foram as respostas nesse sentido. Dos 22 entrevistados, realizam atividades no local entre 5 e 14 anos. Dos investigados e que trabalham na feira entre 20-30 anos foram 4 e há mais de 30 anos apenas 3. As repostas a essa pergunta sugerem que a Feira ainda é carregada de tradição, mas também sugere que há renovação dos empreendedores que se dedicam a atividades realizadas ali.

Figura 5 – Quantidade de horas semanais trabalhadas



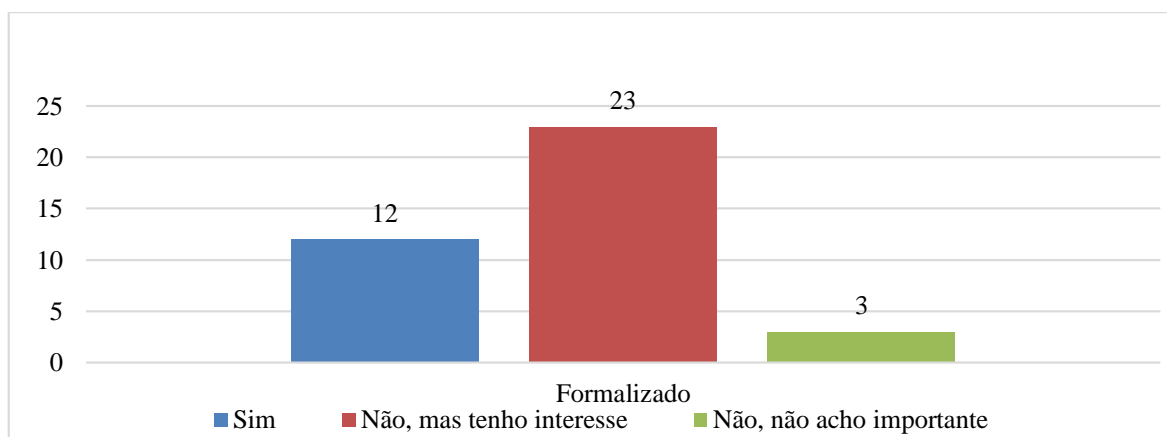
Fonte: Elaborada pelo autor, 2022

Quando perguntados sobre a quantidade de horas semanais que dedicam ao trabalho na Feira 17 responderam que dedicam mais de 40 horas à suas atividades. Esse dado reflete bem a realidade dos trabalhadores autônomos, que comumente enfrentam longas jornadas de trabalho e apesar disso, muitas vezes não usufruem dos direitos e benefícios sociais que lhe são garantidos.

Apenas 2 dos entrevistados trabalham entre 10 horas e 20 horas semanais respectivamente; 7 cumprem jornadas que variam entre 21 horas e 30 horas e 12, ou

seja, 31,57% enfrentam uma jornada que vai de 31 horas a 40 horas, sendo o grupo que representa a quantidade de horas legalmente determinada pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

Figura 6 – Formalização enquanto MEI



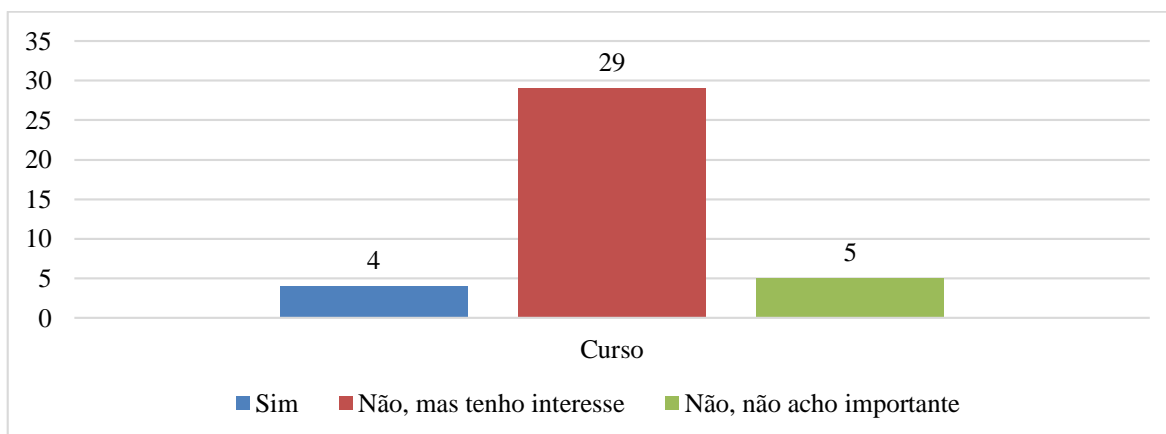
Fonte: Elaborada pelo autor, 2022

Esse é um dos resultados mais importantes para a pesquisa, pois elucida muito bem o cenário de informalidade e consequência precariedade a qual os feirantes estão submetidos. Da totalidade apenas 31,57% são formalizados como MEI. Como já foi mencionado, esses trabalhadores possuem uma série de direitos e benefícios garantidos.

Dos 38 entrevistados, 23 não estão registrados no programa, mas tem interesse em fazê-lo. Durante a aplicação dos questionários foi possível perceber que boa parte dos feirantes já haviam ouvido falar das vantagens de se inscreverem como microempreendedor individual. Apesar de ainda restarem muitas dúvidas e algum nível de apreensão devido à falta de informações complementares como obrigações e direitos.

Por fim, 3 respondentes afirmavam que além de não serem formalizados, não achavam importante realizar a formalização através do MEI.

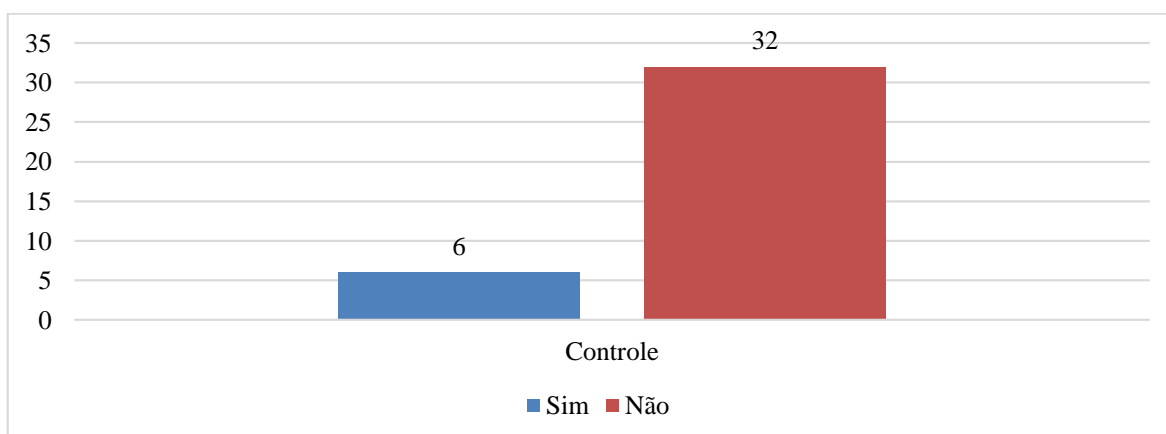
Figura 7 – Realização de cursos



Fonte: Elaborada pelo autor, 2022

O resultado que demonstra que os feirantes possuem interesse em ter acesso a cursos e educação formal que tenham como objetivo melhorar seus negócios. Apesar de considerarem esse tipo de atitude importante, não tem acesso a essa gama de informações. Do total, apenas 4 já realizaram algum tipo de capacitação, 29 se interessam em fazê-lo e somente 5 não consideram esse tipo de formação importante.

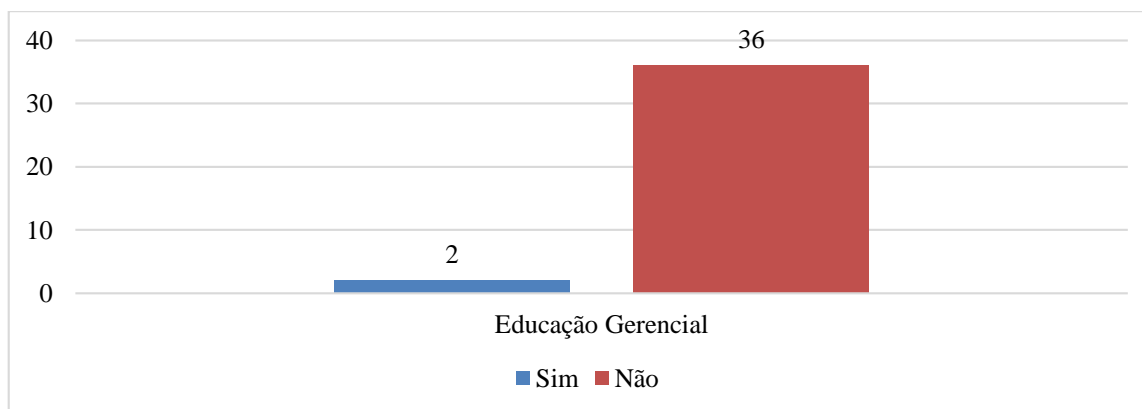
Figura 8 – Aplicação de técnicas de gerenciamento



Fonte: Elaborada pelo autor, 2022

Aqui os feirantes foram questionados se realizavam algum tipo de controle que os auxiliasse na melhoria dos negócios. Os 84,21%, respondem que não o faziam. O que leva a crer que trabalham de forma primordialmente instintiva.

Em seguida, foi pedido que discriminassem o tipo de controle e qual ferramenta era utilizada. Um dos feirantes afirmou que tinha auxílio de um contador, os demais deram respostas variadas para controle de caixa, como: caderno com anotações de entrada e saída, caixa registradora, livro caixa.

Figura 9 – Educação gerencial

Fonte: Elaborada pelo autor, 2022

A última pergunta do questionário tratava da educação gerencial. Foi perguntando aos feirantes, se eles estavam familiarizados com o tema. Como já era esperado, as respostas positivas foram muito baixas, somente 2 feirantes afirmaram que já haviam ouvido falar sobre educação gerencial. Os outros 36 não conheciam a expressão. Há, portanto, uma indicação muito significativa que falta conhecimento formal acerca da maneira que os feirantes conduzes seus negócios.

Segundo Crepaldi (2012, p. 3) “as pequenas empresas costumam ser administradas pelos próprios donos e sócios e apesar de muitas vezes terem formação ou conhecimento técnico acerca de seus negócios, não possuem outras formações específicas, como gestão, finanças ou economia.” A falta de informações técnicas para gerenciar os negócios é sem dúvidas uma das principais razões que justificam os altos índices de falência e fechamento de pequenas e microempresas logo nos seus primeiros anos de funcionamento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento dessa pesquisa teve como objetivo identificar se os trabalhadores da principal feira de um município paraibano têm conhecimento sobre a educação gerencial e se fazem uso desse conhecimento em seus negócios, garantindo o bom funcionamento de seus empreendimentos.

Os principais resultados revelam que a maioria dos trabalhadores da amostra não conhece a educação gerencial, observando-se um percentual aproximado de 95% da amostra respondendo não compreender do que se trata a temática ao ser questionado. Observa-se, porém, que existe um desejo por parte dos feirantes em ter acesso à cursos e educação formal para melhorar a performance de seus negócios, obtendo uma resposta favorável de, aproximadamente, 76% nesse sentido.

Além disso, entre os entrevistados, apenas 6 feirantes faziam uso de algum tipo de controle de gestão em suas atividades, 84% (aproximadamente) trabalham de forma intuitiva.

Os feirantes que trabalham nos mais diversos setores na Feira Central de Campina Grande seriam extremamente beneficiados se tivessem acesso a cursos de formação que os orientassem na condução de seus negócios. A atuação dos mesmos, que se baseia em intuição e tradição seria melhorada caso os feirantes fossem orientados acerca de controle de finanças, planejamento a curto e longo prazo, organização e controle de estoque, por exemplo.

A educação gerencial se mostra de extrema importância para a condução de qualquer negócio. O acesso a quantidade de informações que a compõe é realmente essencial para que um empreendimento seja lucrativo e duradouro. Não bastam características individuais propensas ao sucesso nos negócios, nem tampouco atuação intuitiva, é preciso que se obtenha conhecimento formal.

A inscrição como microempreendedores individuais também traria uma gama de benefícios aos trabalhadores da Feira. Além daqueles garantidos pela própria lei que criou o MEI, tirar os feirantes da informalidade e garantir seu reconhecimento enquanto trabalhadores traria benefícios como a diminuição da precarização, o estímulo ao sentimento de dignidade e também uma melhoria genérica da economia local.

Para que futuras pesquisas sejam realizadas resultando em coleta e análise de dados mais precisos, seria necessário que a aplicação da mesma fosse realizada com um número maior de feirantes, durante um período um pouco mais longo de tempo. O questionário para essa pesquisa foi aplicado em uma pequena amostra do montante total dos feirantes que atuam na Feira Central de Campina Grande.

Neste sentido, é preciso afirmar que a introdução de práticas de educação gerencial não viria para excluir as práticas tradicionais observadas na Feira Central de Campina Grande. O intuito aqui seria de complementar, orientar e guiar a atuação dos feirantes, de forma um pouco mais técnica, sem desvalorizar as características típicas da prática do feirante em nossa cidade. Juntamente com instituições que apoiam iniciativas relativas às práticas gerenciais como as universidades públicas e privadas, Sebrae, Federação do Comércio da Paraíba (Fecomércio-PB), sindicatos, associações e órgãos da administração pública para que possam desenvolver um trabalho de forma eficiente para fortalecimento da economia na feira.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 16/05/2021.

CAMPANHA, Lucas José, *et al.* **Formulação e Implementação, convergências e desvios: facetas da política pública do empreendedor individual (MEI) no plano local**. Revista Gestão e Produção, São Carlos, v. 24, n. 3, p. 582-594, jul-sep, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/gp/a/tHWm9y8rcvhT9xw7jrV3cVP/?lang=pt>. Acesso em: 21/03/2022.

CHAVES, Gilvando Rodrigues, **Análise Socioeconômica e Cultural da Feira Livre do Município de Remígio-PB**, Orientador: Prof. Dr. Antônio Albuquerque da Costa. 2011. 105 f. TCC (Graduação) – Curso de Geografia, Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, Campina Grande, 2011. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/4044/1/PDF%20-%20Gilvando%20Rodrigues%20Chaves.pdf>. Acesso em: 23/03/2022.

COSTANZI, Rogério Negamine. **Os desequilíbrios financeiros do microempreendedor individual (MEI)**. IPEA: n.º 38, 1º trimestre, 2018.

CREPALDI, Silvinio Aparecido, **Contabilidade gerencial: teoria e prática**, São Paulo: Atlas, 2012.

ÉBOLI, M. **Educação corporativa no Brasil: mitos e verdades**. São Paulo: Gente, 2004

FERREIRA, Rau. **O quebra quilos: um revés histórico, Retalhos históricos de Campina Grande**, 24 de fev. de 2012. Disponível em: <http://cgetalhos.blogspot.com/2012/02/o-quebra-quilos-um-reves-historico.html#.YKmgSLdKjIW>. Acesso em: 18/05/2021.

HORNGREN, Charles T., SUNDEM, Gary L., STRATTON, Willian O., **Contabilidade Gerencial**, São Paulo: Prentice Hall, 2004.

IBPQ e SEBRAE, **Relatório Executivo de Empreendedorismo no Brasil**, Global Entrepreneurship Monitor – GEM, 2019. Disponível em: https://ibqp.org.br/gem/download/?_ga=2.89266514.851950451.1646749651-1339708832.1646749651&_gac=1.195900766.1646749651.Cj0KCQiAmpyRBhC-ARIsABs2EApeYsRW2GYhiTwEAysI7Of3e9DCMtY_3c9sTSBGNzWuR1Cs6aNCq0QaAkp0EALw_wcB. Acesso em: 07/03/2022.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Feira de Campina Grande Patrimônio Cultural do Brasil – dossiê de registro da Feira de Campina Grande**, Superintendência do Iphan na Paraíba, Campina Grande, 2017.

LEE, Sangheon. MCCANN, Deirdre. MESSENGER, Jon C. **Duração do trabalho em todo o mundo: tendências de jornada de trabalho, legislação e políticas numa perspectiva global comparada [recurso eletrônico]**. Genebra: OIT, 2009

MENDONÇA, Murilo Marques. **Educação gerencial: a formação de gestores de agronegócios em Goiás**. 2018. 213 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/9704>. Acesso em: 06/03/2022.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico (recurso eletrônico)**. Novo Hamburgo: Universidade Freevale: 2013.

SEBRAE, **Caderno de Ferramentas – Programa Negócio a Negócio Nível Avançado**, SEBRAE: Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, Brasília, 2015.

SEBRAE, **Cartilha do Microempreendedor Individual**, SEBRAE/PB: Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas da Paraíba: 2020.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, 2005.

VASCONCELOS, Katia Cyrlene de Araujo; DA SILVA JUNIOR, Annor; DA SILVA, Priscila de Oliveira Martins. **Educação gerencial para atuação em ambientes de negócio sustentáveis: desafios e tendências de uma escola de negócios brasileira**. Gestão Humana e Social. RAM, Rev. Adm. Mackenzie, v. 14, n. 4, São Paulo, jul./ago. de 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ram/a/R6bSBbMFT9mXH4rFW5NVyvH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20/01/2022.

APÊNDICE – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Questionário – Educação gerencial: o caso dos feirantes da Feira Central de um município paraibano.

1. Qual seu gênero?

- Feminino
 Masculino
 Prefiro não informar

2. Quantos anos você tem?

- Entre 18-24
 Entre 25-35
 Entre 36-45
 Entre 46-55
 Mais de 55

3. Sua residência está localizada em:

- Zona rural
- Zona urbana
- Comunidade indígena
- Comunidade quilombola

4. Qual seu grau de escolaridade?

- Nunca estudou
- Ensino Fundamental incompleto
- Ensino Fundamental completo
- Ensino Médio incompleto
- Ensino Médio completo
- Ensino Superior incompleto
- Ensino Superior completo
- Pós-graduação

5. Qual a sua renda familiar? (soma da sua renda e das pessoas que moram com você)

- Menos de um salário mínimo (menos de R\$ 1.100,00)
- Entre 1-3 salários mínimos (entre R\$ 1.100,01 – 3.300,00)
- Entre 3-5 salários mínimos (entre R\$ 3.300,01 – 5.500,00)
- Mais de 5 salários mínimos (mais de R\$ 5.500,00)

6. Que tipo de atividade você exerce na Feira Central de Campina Grande?

- Comércio
- Prestação de serviço
- Fabricação/artesanato
- Outros

Especifique que produtos você vende/fabrica ou que serviço presta: -

7. O trabalho na Feira Central de Campina Grande é sua única fonte de renda?

- Sim
- Não

Se não, como você complementa sua renda?

8. Há quantos anos você trabalha na Feira Central de Campina Grande?

- Menos de 2 anos
- Entre 2-5 anos
- Entre 5-15 anos
- Entre 20-30 anos
- Mais de 30 anos

9. Quantas horas semanais você trabalha?

- Até 10 horas semanais
- Entre 11 e 20 horas semanais
- Entre 21 e 30 horas semanais
- Entre 31 e 40 horas semanais

Mais de 40 horas semanais

10. Você é formalizado como MEI – Microempreendedor Individual?

Sim

Não, mas tenho interesse

Não, não acho importante

11. Você já realizou algum curso que te auxiliou ou te ajudou a melhorar seus negócios? (como educação financeira, fluxo de caixa, controle de estoque)

Sim

Não, mas tenho interesse

Não, não acho importante

12. Você realiza algum tipo de controle que te auxilia ou te ajuda a melhorar seus negócios?

Sim

Não

Se

sim,

quais?

-

13. Você sabe o que é ou já ouviu falar em educação gerencial?

Sim

Não